

Obama afastou-se dos progressistas: culpa de quem?

30 de Outubro, 2012 - 19:15h

Os de novo tão eloquentes defensores de Obama não se perguntam como é possível que um presidente que mobilizou entusiasmo tão apaixonado e tanta esperança há poucos anos, esteja hoje a um passo de perder as eleições? Por Robert E. Prasch, Translation Exercises

Os que acompanham a blogosfera política sabem, sem dúvida, dos muitos ataques que sofreram vozes tradicionalmente muito respeitadas do campo da esquerda norte-americana, que concluíram que, afinal, é hora de votar em ?outros? partidos. Fartos de, mais uma vez, como aconteceu em 1996, 2000 e 2004, serem forçados a votar ?no mal menor? cansaram-se, de vez, da ?velha lenga-lenga?. E que é velha, é. Alguns leitores lembrarão dos *pins* que nos mandavam votar no neoliberal e pró-guerra do Iraque John Kerry contra o neoliberal e pró-guerra do Iraque George W. Bush, em que se lia: ?Kerry é menos merda?.

Mas queria falar de outra questão, relacionada a essa. O que, exatamente, diziam esses novamente muito eloquentes apoiantes de Obama, no final de 2008 e início de 2009, quando o governo estava a montar e nomear a sua equipa para implantar as políticas e as decisões que prepararam o campo para o que se vê hoje e para a disputa que eles mesmos enfrentam hoje? Não se perguntam, sequer, como é possível que um presidente que mobilizou entusiasmo tão apaixonado e tanta esperança há poucos anos, esteja hoje a um passo de perder as eleições?

Afinal de contas, Obama compete contra o sujeito que passou praticamente toda a sua vida adulta a agir como o mais rematado, o mais consumado predador capitalista. E está a acontecer, apesar de a maioria dos norte-americanos excluídos do topo, que não são a elite que paga 10-20% de impostos, continuarem a viver os piores tempos da economia de toda a vida de todos os norte-americanos hoje vivos. Será que todos concordam, pelo menos, que ? exceto Richard Nixon ? a queda vertiginosa na popularidade de Obama, apesar dos golpes de mão que a tem disfarçado, representa um dos mais completos fracassos na história dos líderes políticos nos EUA de toda a história do pós-guerra?

Não é difícil encontrar a causa subjacente desse fracasso monumental. Obama-presidente-eleito e o seu círculo íntimo de conselheiros erraram completamente na avaliação do momento político. A nação realmente queria mudanças significativas ? e a tal ponto queria, que o país dispôs-se a eleger um presidente ?não regular?, um negro (o que é evento notável, se se considera a ininterrupta história de racismo nos EUA).

Então, não se sabe como, Obama e o seu círculo mais próximo arranjam de convencerem-

se, eles próprios, de que bastaria reciclar a desgastada ideia de fazer uma "triangulação"¹ a partir do primeiro mandato de Clinton, e tudo daria certo. A partir desse exato momento, Barack Obama e os seus principais conselheiros nada fizeram, além de se distanciar de sua principal base de apoio. Duas semanas depois da eleição, o governo anunciou que Lawrence Summers e Timothy Geithner – indivíduos cujo currículo recente, individual e coletivamente, já bastava para assegurar que ambos seriam fracasso gigantesco como servidores públicos – foram nomeados para conduzir a recuperação econômica.

A nomeação da dupla mostrava, e o desempenho da dupla confirmou amplamente, que "esperança e mudança" nunca haviam passado de slogan e que não, de modo algum, haveria nem qualquer mudança nem qualquer esperança nas políticas econômicas de Obama. A dupla, sem dúvida, cuidou de recuperar as fortunas de Wall Street e só. Não deram um só passo na direção de recuperar a riqueza de mais ninguém nos EUA.

No dia 1/12/2008, o governo Obama anunciou que Robert Gates permaneceria como Secretário de Defesa. Gates, caso alguém tenha esquecido, é mais que o homem que George W. Bush nomeou para dar rumo às guerras imorais, infundáveis e absolutamente sem rumo de Bush, com a missão extra de estendê-las para o resto do planeta, via o (então nascente) programa dos aviões-robôs armados, os *drones*. É mais que isso. Como ex-vice-diretor da CIA, Gates escapou por um fio de ser julgado e condenado por sua atuação no escândalo dos "contra" iranianos. Ainda que se conceda que as investigações, em 1991, sobre a sua atuação tivessem sido excessivas (e talvez não tenham sido), Gates sempre foi muito intimamente associado à criminalidade durante o governo Reagan, não poderia ter sido nomeado para o cargo de Secretário da Defesa. Que homem daqueles jamais poderia participar de governo do Partido Democrata, nem é preciso dizer.

E quanto à reforma financeira? A indicação de ex-gerentes de Goldman Sachs e do Citibank para inumeráveis cargos na Commodity Futures Trading Commission (CFTC) ou na Securities & Exchange Commission (SEC) e por todos os cantos, sugere a qualquer dos mais resistentes e obcecados seguidores de Obama que "esperança e mudança" teria papel decisivo na agenda governamental? Se sugere, ainda falta explicarem como conseguiram chegar àquela conclusão.

Para não perdermos o foco: alguém aí, entre os obamistas, realmente pensa que Rahm Emanuel liderará uma mudança à esquerda, dentro do Partido Democrata? Não há quem não saiba que Emanuel consumiu a vida inteira como agente, na era Clinton, do combate à ala mais progressista dentro do Partido Democrata? Alguém esperava que mudasse radicalmente, só porque foi nomeado braço direito do Presidente? É? Alguém acredita nisso? E nem vou começar a falar sobre o empenho apaixonado com que Obama deu andamento à agenda de "livre comércio" de Bush ou aos planos (afinal, nunca foram tão secretos assim!) de cortar os benefícios da Segurança Social e do Medicare.

Repetindo: todas as nomeações listadas acima foram anunciadas depois da eleição e antes da posse. Foram anunciadas antes de Obama revelar que não tinha qualquer intenção de cumprir o núcleo duro das promessas de campanha. Antes de Obama começar a perseguir os valentes que divulgaram informação correta e distribuíram a verdade sobre os crimes de guerra da era Bush e os sistemas e programas ilegais de vigilância sobre os cidadãos. Antes de Obama silenciar as acusações contra os que realmente cometeram aqueles crimes. Essas violências, como hoje se sabe, faziam pleno sentido, porque, em seguida, o próprio governo Obama se poria a cometer os mesmos crimes, em versão ainda pior – de facto, em modalidade grotesca – do que o país algum dia conheceu, em matéria de violentar a

Constituição dos EUA, durante a era Bush.

Sejamos claros: nenhum presidente dos EUA se arrogou, em tempo algum, o direito de assassinar cidadãos norte-americanos, selecionados de uma lista de alvos, das quais o presidente pode escolher quem bem entenda, sem ter de informar a quem quer que seja e sem que nenhuma outra instância possa rever a decisão presidencial de matar norte-americanos.

O meu ponto é bem simples: os norte-americanos já foram traídos. A traição não foi instigada por [Glenn Greenwald](#) [1], [Matt Stoller](#) [2], pelo blog [Black Agenda Report](#) [3], ou por qualquer outra voz do campo progressista ou da esquerda. O que esses autores fazem é expor as traições, para que os eleitores as vejam.

Quem traiu a antes vibrante e esperançosa coligação que, em 2008, elegeu Barack Obama à Presidência está lá, abrigada na Casa Branca. Aquela traição não é coisa de acaso ou das circunstâncias. Já estava em processo inevitavelmente, modelando as decisões que foram tomadas antes de 20/1/2009. O que escrevi aqui apenas amplifica um pouco o que Barack Obama e os seus principais assessores e conselheiros já sabiam no momento em que tomaram posse: que as suas prioridades e agendas seriam em grande parte, se não total ou principalmente, opostas às agendas e prioridades de seus eleitores e apoiantes. Sempre seria, naquele momento e depois, um copo ?meio cheio? ou, mesmo, só ¼ cheio. Se ouvirem coisa diferente, mandem que lhe mostrem o copo.²

O facto é que o governo Obama, como, antes dele, o governo Clinton, entraram, sabendo onde entravam, num movimento cínico. Apostaram que conseguiriam impor uma corte de desatinos, políticas fundamentalmente odiosas do ponto de vista dos seus eleitores e, apesar disso, seriam reeleitos. O cálculo baseou-se sempre na premissa de que Democratas ?de partido? jamais teriam alternativa.³ Não surpreendentemente, o governo Obama e os seus prepostos investiram considerável tempo e energia para convencer os apoiantes de que não há alternativa.

Qualquer um que algum dia tenha comprado qualquer coisa sabe que o poder de negociação depende, em última instância, da disposição do comprador para não comprar. A capacidade de dar as costas ao mau fornecedor explica por que obtemos bons serviços da lavandaria da esquina e péssimos serviços do nosso fornecedor de televisão a cabo. Quando se tem alternativa, o consumidor ganha poder como consumidor (e devo dizer que a regra vale para o mercado de trabalho, o que explica por que a maioria dos empregadores gosta muito mais de altas taxas de desemprego, que os seus empregados).

Neste momento, uma campanha eleitoral profundamente cínica está a apostar que os progressistas e a esquerda em geral terá tanto medo de um governo de Romney que nem tentará mobilizar o poder que tem. Essa, vale lembrar, já foi a estratégia adotada por Comissões Nacionais Democratas cada vez mais de direita, ao longo de quase 30 anos. A cada quatro anos, convocam-nos a votar pelo mal menor. Dentro de algumas semanas saberemos se a jogada deu certo, para eles, mais uma vez.

A pergunta é: e teremos aprendido? Teremos aprendido a negociar contra uma liderança desencantada, sem fé, do Partido Democrata? Se não aprendermos agora... aprenderemos quando?

Mas sejamos bem claros. Vençam ou percam, Rahm Emanuel, Robert Gibbs, David Axelrod,

David Plouffe, Bill Clinton e Barack Obama estarão com a vida ganha. Eles sempre ganham, com ou sem os votos. Há magníficos empregos em agências de lobbying, em bancos, como conselheiros, todos com excelentes salários. Convites para ?Conferências?, que venderão a peso de ouro, choverão sobre eles. O dinheiro conhece os seus caminhos e tudo continuará a prosperar. Quanto a isso, que ninguém se preocupe. E quanto à vida da vasta maioria do povo dos EUA? Os que apoiaram Obama. Os que votaram em Obama. Os desempregados. Os que tiveram as casas alagadas e destruídas? Os sem casa? As vítimas das ações fraudulentas de despejo?

Bem, há novidades: somos adultos. Eles não podem enganar-nos sempre. Não se deixe enganar mais. Saia do velho golpe. Você nada deve a Obama, porque Obama nada fez por você e nada planeia fazer, nem fará ? a menos que você veja alguma vantagem em perder o benefício da Segurança Social e em ser coadjuvante da farsa da Parceria Trans-Pacífico. Se votar em Obama o deixa menos desanimado, OK, vote. Mas não há dúvida de que já há muita gente que começa a pensar de outro modo.

29/10/2012,

Título original: ?The Progressive Retreat from Obama: Who is to Blame?? [4]

Traduzido pelo pessoal da Vila Vudu

1 Orig. Triangulation: é o nome dado ao que faz o candidato, em disputa política, que se apresente como ?acima? e ?entre? a esquerda e a direita do espectro político tradicional nos EUA e na Grã-Bretanha. Implica adotar parte das ideias de algum adversário (quase sempre adversário apenas aparente). A lógica desse tipo de movimento é que os dois lados recebem créditos pelas ideias do oponente e o ?triangulador? fica protegido contra ataques mais virulentos relacionados ao tema ?triangulado?. [N. T.]

2 Ver 27/12/2011, ?Where is My Half Glass?? [Onde está a minha metade do copo], Robert E. Prasch, Translation Exercises.

3 Ver 30/7/2012, ?On Voting Strategically in 2012: The Ultimatum Game? [Sobre votar estrategicamente em 2012: o jogo do ultimatum?] Robert E. Prasch, Translation Exercises.

Artigos relacionados:

Debate de presidenciáveis norte-americanos não toca em questões climáticas [5] Os temas que Romney e Obama evitam: desastre ambiental e guerra nuclear [6] Eleições 2012: Direito ao voto, um sonho adiado [7]

Sobre o/a autor(a):

- Biblioteca
- Agenda
- Jornal Esquerda
- Blogosfera
- Comunidade

- Revista Vírus
- Wikifugas
- Ficha Técnica

URL de origem: <http://www.esquerda.net/artigo/obama-afastou-se-dos-progressistas-culpa-de-quem/25267>

Ligações:

- [1] <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/series/glenn-greenwald-security-liberty>
- [2] <http://mattstoller.com/>
- [3] <http://blackagendareport.com/>
- [4] http://translationexercises.wordpress.com/2012/10/29/the-progressive-retreat-from-obama-who-is-to-blame/?blogsub=confirming#blog_subscription-3
- [5] <http://www.esquerda.net/artigo/debate-de-presidenci%C3%A1veis-norte-americanos-n%C3%A3o-toca-em-quest%C3%B5es-clim%C3%A1ticas/25168>
- [6] <http://www.esquerda.net/artigo/os-temas-que-romney-e-obama-evitam-desastre-ambiental-e-guerra-nuclear/24999>
- [7] <http://www.esquerda.net/opiniaao/elei%C3%A7%C3%B5es-2012-direito-ao-voto-um-sonho-adiado/24578>